

ESPAÇO, LUGAR, IDENTIDADE. . . E TEMPO: HISTÓRIA, GEOGRAFIA, E AS ORIGENS DA CULTURA ESTRATÉGICA BRASILEIRA*

*SPACE, PLACE, IDENTITY. . . AND TIME: HISTORY, GEOGRAPHY, AND THE
ORIGINS OF THE BRAZILIAN STRATEGIC CULTURE*

Marshall C. Eakin**

RESUMO: A relação do Brasil com o mundo - e as formas com que o Estado brasileiro reage a eventos no mundo – foram profundamente moldada pela história e geografia. Neste breve ensaio, vou me concentrar em cinco pontos que eu acredito que são fundamentais para a compreensão da formação das percepções das elites brasileiras, suas percepções deles mesmos, da sua nação e o papel do Brasil no mundo. Como historiador, eu acredito firmemente na importância de usar o passado para compreender o presente. Embora minha perspectiva neste ensaio tenha um enfoque de longo prazo, fica cada vez mais claro que o Brasil já entrou numa fase de sua história, no último quarto de século, que assinala um ponto de mudança em um longo processo de desenvolvimento nacional e, talvez, uma mudança gradual da visão de mundo das elites brasileiras. Neste ensaio, defendo que: (1) o Brasil não é totalmente parte da América Latina, (2) a sua dimensão, insular, e a localização moldaram sua relação com as grandes potências e os seus próprios vizinhos, (3) as principais instituições culturais se desenvolveram tardiamente em comparação com a América espanhola, (4) um forte nacionalismo moldou o seu desenvolvimento no século XX, e (5) uma notável homogeneidade interna formou a percepção que os brasileiros têm de si mesmo.

Palavras-Chave: Brasil. História e Geografia. América Latina.

* A tradução do presente artigo foi autorizada e revista pelo autor. O tradutor e os editores agradecem o professor Marshall Eakin por autorizar a publicação deste texto em língua portuguesa. Tradução realizada por Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos professor do Curso de História da Universidade Estadual de Goiás-UEG. E-mail: eduardo.vasconcelos@ueg.br. Originalmente escrito como *Paper* para apresentação no “Brazil Strategic Culture Workshop” realizado em novembro de 2009 e promovido pelo *Applied Research Center of Florida International University*. Pela característica de síntese do artigo, os editores decidiram manter as notas de rodapé, como no original, indicativas das obras específicas indicadas pelo autor.

** Marshall Eakin é historiador da América Latina, especializado em história do Brasil. Embora o seu trabalho perpassasse amplamente pela história brasileira, suas principais publicações se concentraram nos processos de nacionalismo e de construção da nação, a história econômica e empresarial, e da industrialização, principalmente no século XX. Autor Convidado. E-mail: marshall.c.eakin@vanderbilt.edu

ABSTRACT: The relationship between Brazil and the world - and the ways in which the Brazilian State reacts to events in the world - were deeply shaped by history and geography. In this short essay, I will focus on five points that I believe are fundamental to understanding the formation of perceptions of the Brazilian elites, their perceptions themselves, their nation and Brazil's role in the world. As a historian, I firmly believe in the importance of using the past to understand the present. Although my perspective this test has a long-term focus, it becomes increasingly clear that Brazil already entered a phase of its history, in the last quarter century, which marks a turning point in a long process of national development and, perhaps a gradual change of worldview of the Brazilian elites. In this essay, I argue that: (1) Brazil is not fully part of Latin America, (2) its size, insular, and location shaped his relationship with the major powers and their own neighbors, (3) the main cultural institutions are developed late in comparison with the Spanish America, (4) a strong nationalism has shaped its development in the twentieth century, and (5) a remarkable internal homogeneity formed the perception that Brazilians have of yourself.

KEYWORDS: Brazil. History and Geography. Latin America.

O Brasil não é totalmente parte integrante da América Latina

Desde o século XVI, o Brasil fazia parte do "mundo atlântico", que olhava a África e a Europa, e ficava de costas para a América espanhola. A maior parte do seu primeiro século como uma colônia, o Brasil consistia de uns poucos enclaves portugueses localizados principalmente na costa nordeste da América do Sul. O Brasil emergiu como uma empresa colonial viável após 1570, com a ascensão do açúcar e o complexo da plantação escravista focado principalmente nos portos de Salvador e Recife. O Brasil fazia parte de um sistema de comércio Atlântico (com fortes laços em um extenso sistema Português de comercio nos oceanos Índico e Pacífico. Navios portugueses comprou escravos na costa africana - principalmente no golfo de Benin e Angola. Navios negreiros cruzavam ao oeste em direção aos centros de plantações na costa brasileira. Em seguida, o açúcar brasileiro fluía ao nordeste para

Portugal e a Holanda, enquanto álcool (a partir de cana de açúcar) mudava de volta para o outro lado do Atlântico para África.²

A ligação com a metrópole colonial em Portugal e o maciço comércio escravista com a África foram os dois fatores mais importantes na formação do Brasil colonial a partir do final do século XVI ao início do século XIX. Embora Portugal tenha impedido o comércio de outros países diretamente com o Brasil o seu mais poderoso aliado, Inglaterra, indiretamente por meio de comerciantes britânicos em Lisboa, tornou-se a mais importante influência econômica externa sobre o Brasil. Quando a monarquia portuguesa fugiu da invasão do exército de Napoleão em 1807 e chegou ao Brasil no início de 1808, eles foram escoltados por navios de guerra e diplomatas britânicos. O Príncipe-Regente D. João imediatamente abriu os portos brasileiros ao comércio internacional, e os britânicos tornaram-se a influência econômica externa preeminente no Brasil. O comércio de escravos continuou a acelerar até à sua abolição em 1850 (sob pressão britânica).³

Esta orientação secular, Atlântica e voltada para o leste marcou profundamente a visão dos brasileiros sobre si mesmos e o seu lugar no mundo. O Império português foi distinta da América espanhola (com exceção do período de 1580-1640), um vasto e pouco povoado interior e os Andes separava os colonizadores portugueses da maioria dos espanhóis-americanos, e os laços mais intensos demográficos, comerciais e culturais foram com África Ocidental e Central. As únicas exceções importantes a essa orientação para o leste começou em meados do século XVIII, com a demarcação formal dos limites dos impérios Espanhol e Português na América do Sul (Tratado de Madrid, 1750). Durante as oito décadas seguintes, os portugueses e, em seguida, os brasileiros, contestaram o alcance sul e sudoeste do Brasil

² Leslie Bethell, ed. *Colonial Brazil* (New York: Cambridge University Press, 1987); Luiz Felipe de Alencastro, *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000).

³ Richard Graham, *Britain and the Onset of Modernization in Brazil, 1850-1914* (London: Cambridge University Press, 1968); Kirsten Schultz, *Tropical Versailles: Empire, Monarchy, and the Portuguese Royal Court in Rio de Janeiro, 1808-1821* (New York: Routledge, 2001); José Jobson de Arruda, *Uma colônia entre dois impérios: a abertura dos portos brasileiros 1800-1808* (Baurú: EDUSC, 2008); Leslie Bethell, *The Abolition of the Brazilian Slave Trade: Britain, Brazil and the slave trade question, 1807-1869* (London: Cambridge University Press, 1970).

com seus vizinhos de língua espanhola e guarani. Estas disputas de longa duração forneceram o único contato constante dos brasileiros com os espanhóis-americanos.⁴

Existem várias consequências dessa experiência histórica. Em primeiro lugar, os brasileiros realmente não se vêem como "latino-americanos", exceto quando é politicamente ou economicamente conveniente. Em segundo lugar, os brasileiros tinham apenas uma vaga consciência e interesse do que se passava no resto da América Latina até muito recentemente. Em terceiro lugar, a maior exceção nos últimos duzentos anos a esta negligência e desinteresse tem sido os conflitos com o Paraguai, Uruguai e Argentina - mais espetacularmente, a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870).⁵ Quarto, o Brasil tem sido insular e voltado para "dentro" grande parte de sua história. Quinto, desde os anos 1960 e, especialmente, na última década, o Brasil tem jogado em sua herança demográfica e cultural africana para construir uma política e laços com as nações africanas.⁶

Insularidade, tamanho, localização, vizinhos

Dois fatores significativos na insularidade do Brasil têm sido as suas enormes dimensões e seus padrões de assentamento. Apesar de hoje ser o quinto maior país do mundo, com mais de 3,2 milhões de quilômetros quadrados, o Brasil tem sido sempre uma "civilização do litoral". Nas palavras de um famoso historiador do Brasil colonial, o Português era ". . . agarrando ao litoral como caranguejos. "Com a exceção da capitania / província/ estado de Minas Gerais (depois de 1700), todos os grandes centros populacionais brasileiros foram ao longo da costa atlântica até o final do século XIX. Ainda hoje, oito em cada dez brasileiros vivem dentro de duzentos quilômetros do Atlântico. Com o "boom" da borracha a partir de 1870, um grupo significativo da população desenvolveu se em torno de Manaus, cerca de mil e

⁴ Kenneth Maxwell, *Pombal, Paradox of the Enlightenment* (New York: Cambridge University Press, 1995); Charles R. Boxer, *The Golden Age of Brazil, 1695-1750: Growing Pains of a Colonial Society* (Berkeley: University of California Press, 1962).

⁵ Hendrik Kraay and Thomas L. Whigham, eds., *I Die with My Country: Perspectives on the Paraguayan War, 1864-1870* (Lincoln: University of Nebraska Press, 2004); Thomas L. Whigham, *The Paraguayan War* (Lincoln: University of Nebraska Press, 2002); Maria Eduarda Castro Magalhães Marques, org., *A Guerra do Paraguai: 130 anos depois* (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995).

⁶ Jerry Dávila, *Hotel Trópico: Brazil and the Challenge of African Decolonization* (Durham, NC: Duke University Press, forthcoming).

quinhentos quilômetros do Oceano Atlântico. A Amazônia, no entanto, caiu em meio século de declínio e negligência após a Primeira Guerra Mundial. O grande centro-do país - o Oeste e Norte, (uma área que é mais da metade do território do país), não experimentou um movimento significativo de povo na região até as décadas recentes. A mudança demográfica começou com a construção de Brasília no final de 1950, e acelerou com o empurrão do regime militar para abrir a Amazônia depois de 1970.⁷

O grande tamanho, insularidade, e o movimento tardio para o interior moldaram profundamente a psique das elites brasileiras, especialmente o corpo diplomático e os militares. O moderno serviço exterior brasileiro (conhecido como Itamaraty), com efeito, foi criado pelo Barão do Rio Branco, no início do século XX, ao mesmo tempo em que ele estava negociando sistematicamente os limites norte e oeste do Brasil, com seus vizinhos (incluindo a aquisição do que é hoje o estado do do Acre na fronteira oeste). O Itamaraty forjou um ethos cultural ao longo do século XX, se orgulhando de recrutamento alguns dos "melhores e mais brilhantes" jovens brasileiros em suas fileiras, e projetando uma imagem de uma meritocracia intelectual e elite cultural.⁸

A ausência de quaisquer conflitos políticos e militares graves com seus vizinhos é marcante e fundamental (a Guerra Cisplatina [1825-1828]⁹ e da Guerra da Tríplice Aliança [1864-1870] são as grandes exceções). Um vasta e em grande vazio interior, e raras tensões fronteiriças permitiram aos militar do Brasil para desenvolver-se sem preocupação séria para inimigos estrangeiros. Desde o fim da Guerra da Tríplice Aliança, em 1870, os principais focos dos militares brasileiros tem sido a segurança interna e a construção da nação ("Ordem e Progresso" para os positivistas do final do século XIX", "segurança e desenvolvimento" para o regime militar depois de 1964, "defesa e desenvolvimento" para os da atualidade). Por mais de um século - de 1870

⁷ Charles H. Wood and José Alberto Magno de Carvalho, *The Demography of Inequality in Brazil* (New York: Cambridge University Press, 1988); Marianne Schmink and Charles H. Wood, *Contested Frontiers in Amazonia* (New York: Columbia University Press, 1992); Emilio Moran, ed., *The Dilemma of Amazonian Development* (Boulder, CO: Westview Press, 1983).

⁸ Edward Bradford Burns, *The Unwritten Alliance: Rio-Branco and Brazilian-American Relations* (New York: Columbia University Press, 1966).

⁹ Ron Seckinger, *The Brazilian Monarchy and the South American Republics, 1822-1831: Diplomacy and State Building* (Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1984).

até à década de 1980 - as forças armadas focaram principalmente na ordem interna e na construção da nação.¹⁰

Ao invés de temer os seus vizinhos, as elites brasileiras (especialmente o Itamaraty e os militares) têm se preocupado com as maquinações das grandes potências, principalmente na Inglaterra, França, Alemanha e os Estados Unidos (e agora podemos acrescentar Japão e China). Até a década de 1940, essa preocupação foi principalmente econômica (mercados para o café, o acesso a bens manufaturados e de investimento de capital).¹¹ Por meados do século XX, as preocupações cresceram cada vez mais sobre o papel do Brasil no mercado internacional a ordem política e na econômica. Apenas após a Segunda Guerra Mundial os militares brasileiros começam desempenhar um pequeno papel internacional. Desde os anos 1970 e 1980, o Brasil tem procurado desempenhar um papel maior em arenas internacionais (Organização das Nações Unidas e, mais recentemente, o G-20 e do Fundo Monetário Internacional, por exemplo). Uma das preocupações mais marcantes em relação às grandes potências tem sido um temor sobre a perda potencial da Amazônia, um sentimento de insegurança que decorre da expansão tardia no vasto interior, e a presença brasileira muito recente e frágil (militar e de segurança) nesta região rica em recursos.¹²

Desenvolvimento Cultural Tardio e Orientação

O Brasil se desenvolveu mais tarde do que as regiões "centrais" da América espanhola (México, Peru, e o Caribe). Quando o açúcar e o complexo da plantação escravista teve início na década de 1570, Cuba, México e Peru haviam sido conquistadas e controladas por quase cinco décadas. O desenvolvimento cultural da elite brasileira

¹⁰ Frank D. McCann, *Soldiers of the Pátria: A History of the Brazilian Army, 1889-1937* (Stanford, CA: Stanford University Press, 2004); Shawn C. Smallman, *Fear and Memory in the Brazilian Army and Society, 1889-1954* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2002); Todd A. Diacon, *Stringing Together a Nation: Cândido Mariano da Silva Rondon and the Construction of a Modern Brazil, 1906-1930* (Durham, NC: Duke University Press, 2004); Joel Silveira e Thassilo Mitke, *A luta dos pracinhas: a Força Expedicionária Brasileira-FEB na II Guerra Mundial* (Rio de Janeiro: Editora Record, 1983); Thomas E. Skidmore, *The Politics of Military Rule in Brazil, 1964-85* (New York: Oxford University Press, 1988).

¹¹ Stanley E. Hilton, *Brazil and the Great Powers, 1930-1939: The Politics of Trade Rivalry* (Austin: University of Texas Press, 1975); John D. Wirth, *The Politics of Brazilian Development, 1930-54* (Stanford, CA: Stanford University Press, 1970).

¹² João Pacheco de Oliveira, org., *Projeto Calha Norte: militares, índios e fronteiras* (Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1990).

ficou ainda retardada atrás da América espanhola. Havana, Cidade do México e Lima tinham as máquinas de impressão e universidades em meados do século XVI. Não havia máquinas de impressão no Brasil até a chegada da monarquia em 1808. As primeiras instituições de ensino superior foram criadas em 1810 – faculdades de direito em Recife e São Paulo, faculdades de medicina no Rio de Janeiro e Salvador, e as escolas de engenharia para o Exército e a Marinha, no Rio de Janeiro. Não houve autênticas universidades no Brasil até a década de 1920 e 1930.¹³

Uma consequência importante desse desenvolvimento tardio das instituições culturais fundamentais e sua concentração em algumas grandes cidades foi a formação de elites brasileiras que eram menos contenciosas, mais pragmáticas e mais homogêneas do que a maioria das elites nacionais na América Latina. A grande maioria dos "eleitos" para a assembleia nacional, por exemplo, frequentou a faculdade de direito, e havia apenas duas faculdades de direito para quase todo o século XIX. Os dois principais grupos políticos, Liberais e Conservadores, tinham interesses no sistema escravista, nem hum dos dois lutou muito para alterá-lo até o final do século XIX. As elites brasileiras desenvolveram um padrão (que continua até hoje) de "conciliação e reforma" e uma capacidade de renovar-se constantemente, absorvendo novos grupos (industriais, militares, burocratas) e novas influências culturais no século XX. Raramente essas elites permitiram que acontecesse o colapso sistêmico completo (só em 1889, 1930 e 1964).¹⁴

A partir do século XVIII até meados do século XX, a maior e mais importante influência cultural nas elites brasileiras foi a França. Quando os brasileiros aprendiam uma segunda língua, era o francês, e quando viajavam para o exterior, Paris era a Meca cultural. Nos séculos XIX e XX, a Inglaterra foi a influência econômica e política mais poderosa. A capital britânica foi a força motriz por trás da construção das facilidades portuárias, ferrovias, minas, e do financiamento da dívida pública. A Inglaterra foi o principal destino do café brasileiro, e produtos manufaturados britânicos (têxteis e máquinas, por exemplo) dominaram as importações do Brasil. A influência dos Estados

¹³ Lilia Moritz Schwarcz, *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 2002); Roderick J. Barman, *Brazil: The Forging of a Nation, 1798-1852* (Stanford, CA: Stanford University Press, 1988).

¹⁴ José Murilo de Carvalho, *Teatro de sombras: a política imperial* (Rio de Janeiro: IUPERJ; São Paulo: Vértice, 1988); José Honório Rodrigues, *Conciliação e reforma no Brasil; um desafio histórico-cultural* (Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965).

Unidos, tanto culturalmente e economicamente não apareceu de forma significativa até o século XX, principalmente após 1930. A Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial trouxeram um fim a "preeminência britânica no Brasil." O aumento da influência dos EUA no século XX marcou a primeira vez em quase 400 anos que as influências políticas, econômicas ou culturais poderosas vieram de uma direção outro do que a Europa ou África. Mais uma vez, o Brasil não olhou para a América Latina, mas para o leste e norte.¹⁵

Nacionalismo e Construção da Nação

A orientação Atlântica do Brasil e suas influências culturais europeias e africanas tem profundamente moldado a formação da identidade nacional brasileira e o nacionalismo brasileiro. O sucesso econômico e político do jovem Estados Unidos o fez, o modelo republicano e federalista muito atraente para os fundadores dos Estados Unidos do Brasil em 1889-1891. Embora o positivismo francês era a mais poderosa influência intelectual sobre os líderes da revolta (especialmente do Exército), que derrubou a monarquia, um sistema político descentralizado, que devolvia o poder de volta para os estados provou ser muito atraente para um país que era realmente um conjunto de regiões (um arquipélago) dominada por fazendeiros poderosos (os chamados coronéis). O Brasil não era apenas insular, não era totalmente sob o controle de um governo central até meados do século XX. Não foi até o pós-1930 e o regime centralizador de Getúlio Vargas que o Estado brasileiro começou a consolidar o controle sobre todo o território nacional.¹⁶

A queda de Pedro II em 1889, marcou a estréia dos militares brasileiros como um ator-chave no cenário da política nacional (muito mais tarde do que a maioria da América espanhola). Durante os primeiros cinco anos da nova república, era

¹⁵ Gilberto Freyre, *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*, 2ª ed. (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1977); Sérgio Miceli, *Intelectuais à brasileira* (São Paulo: Companhia das Letras, 2001); Gerald K. Haines, *The Americanization of Brazil: A Study of U.S. Cold War Diplomacy in the Third World, 1945-1954* (Wilmington, DE: SR Books, 1989); Jeffrey Needell, *A Tropical Belle Époque: Elite Culture and Society in turn-of-the-century Rio de Janeiro* (New York: Cambridge University Press, 1987).

¹⁶ Victor Nunes Leal, *Coronelismo: The Municipality and Representative Government in Brazil*, trans. June Henfrey (New York: Cambridge University Press, 1977); Steven Topik, *The Political Economy of the Brazilian State, 1889-1930* (Austin: University of Texas Press, 1987).

essencialmente um regime militar. Após o poderoso interesse cafeicultor voltou a afirmar o controle em 1894 (especialmente os estados de São Paulo e Minas Gerais), os militares desempenharam o papel de árbitro final (o "poder moderador") na política nacional, até finalmente tomar o poder completamente em 1964. Como a carreira militar foi profissionalizada no século XX, tornou-se uma das forças mais importantes na integração e construção da nação e, eventualmente, a projeção externa do Brasil para o mundo.¹⁷

A partir do final do século XIX, surgiu uma rivalidade entre Argentina e o Brasil, e os brasileiros estavam agudamente conscientes do sucesso econômico, político e cultural da Argentina. Embora a economia brasileira hoje seja três vezes o tamanho da Argentina, e a projeção internacional do Brasil é muito mais importante, no início do século XX, parecia que a Argentina era o país sul-americano destinado a tornar-se uma potência mundial. Até a Primeira Guerra Mundial, a Argentina era uma das nações mais ricas do mundo, Buenos Aires denominado-se como a "Paris da América do Sul", e seu sistema político mais parecia a Europa Ocidental do que seus vizinhos latino-americanos mais ao norte. A rivalidade entre as duas maiores nações da América do Sul foi econômica, política e diplomática (e até mesmo se estendeu para o mundo dos esportes na década de 1930). Por um lado, esta competição assumiu um componente racial quando a imigração europeia (principalmente italiano e espanhol) transformou a Argentina (e o Uruguai) para a "bela" população mais "caucasiana" da América Latina.¹⁸

No início do século XX, as elites brasileiras foram dolorosamente ciente de que a população do país (cerca de 25 milhões em 1914) foi forjada pela junção dos portugueses, africanos povos indígenas. Esta mistura de raças, especialmente dos africanos e portugueses, por muito tempo caracterizou a população da colônia, do império, e agora a república. No início do século XX, a maioria dos brasileiros eram pretos ou mestiços (pardos). Após ter absorvido e

¹⁷ Ver fontes citadas na nota 8 acima citada, e José Murilo de Carvalho, *Forças armadas e política no Brasil* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005).

¹⁸ Luiz Alberto Moniz Bandeira, *Conflito e integração na América do Sul: Brasil, Argentina e Estados Unidos: da Tríplice Aliança ao Mercosul, 1870-2003*, 2a. ed., rev. (Rio de Janeiro: Editora Revan, 2003); Boris Fausto e Fernando J. Devoto, *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*, trad. Sérgio Molina (São Paulo: Editora 34, 2004).

digerido o pensamento social europeu racista do século XIX e início do século XX, as elites intelectuais e políticas agonizaram sobre a sua herança racial e cultural “contaminada”. O mais pessimista entre eles acreditavam que o país estava fadado ao fracasso devido a esta "miscigenação" da população. A abolição da escravatura em 1888 e os esforços para atrair trabalho europeu foi impulsionado, em algum grau, pelo desejo de "embranquecer" a população brasileira. Apesar de provavelmente dois milhões de europeus do sul e do leste chegarem ao Brasil entre 1880 e 1920, a profunda marca da África na composição biológica e cultural do Brasil era evidente para todos no início do século XX.¹⁹

Uma profunda transformação cultural nacional começou na década de 1930, liderada pela publicação de *Casa-grande & senzala* de Gilberto Freyre. Como a maioria dos intelectuais brasileiros, reconheceu que o que fazia os brasileiros distintos era séculos de miscigenação racial e cultural, em particular, dos africanos e dos portugueses. Ao contrário de seus antecessores pessimistas, racistas, Freyre glorificou esta mistura e argumentou que ele fez os brasileiros superiores a todos os outros povos e nações. Entre os anos 1930 e 1980 - com apoio do governo e através de muitas mudanças de base na cultura popular - a visão freyriana do Brasil tornou-se gradualmente o núcleo de um nacionalismo brasileiro potente. Enquanto profundos problemas socio-econômicos continuaram a caracterizar o Brasil, e um sistema sutil de preconceito de cor persistiu, a crença de que todos os brasileiros eram essencialmente um povo forjado fora desta mestiçagem tornou-se o coração e a alma da identidade nacional brasileira. Somente na última geração esta poderosa imagem nacional começou a ser desafiada e desmantelada, em particular a afirmação de Freyre de que a mistura racial do Brasil também produziu uma "democracia racial"²⁰

Homogeneidade e Auto-Percepção

¹⁹ Lilia Moritz Schwarcz, *The Spectacle of the Races: Scientists, Institutions, and the Race Question in Brazil, 1870-1930*, translated by Leland Guyer (New York: Hill and Wang, 1999); Thomas E. Skidmore, *Black into White: Race and Nationality in Brazilian Thought* (New York: Oxford University Press, 1974).

²⁰ Gilberto Freyre, *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, 49ª. ed. (São Paulo: Global Editora, 2003); Enrique Rodríguez Larreta e Guillermo Giucci, *Gilberto Freyre, uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936*, trad. Josely Vianna Baptista (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007).

O que a "visão freyriana" do Brasil destaca corretamente é uma impressionante homogeneidade que cinco séculos de mistura cultural e racial produziram. Talvez mais do que qualquer outro grande país do mundo, o Brasil tem uma impressionante homogeneidade domestica que lhe confere a capacidade de atuar globalmente sem as divisões linguísticas, étnicas, sectárias, e regionais que tanto fragmentam outras nações de grande porte (por exemplo, China, Índia, Irã e até mesmo o Canadá). (A maior divisão na sociedade Brasil de hoje continua a ser as desigualdades maciças entre ricos e pobres.). Hoje, a maioria esmagadora dos brasileiros falam uma língua (português), compartilham a tradição religiosa judaico-cristã, profundamente influenciada pelas tradições religiosas africanas, e se vêem como cidadãos de uma nação e um Estado. Embora Freyre estivesse errado sobre a democracia racial, ele estava certo sobre a importância da mestiçagem racial e cultural na formação da identidade do Brasil. Esta mistura produziu um povo com um notável conjunto de símbolos, rituais e crenças compartilhados, que associam a uma profunda unidade.

Os surtos econômicos das décadas de 1940, 1950, e 1970 (todos devido à enorme intervenção do governo, devo acrescentar), providenciaram o crescimento que acompanhou o crescimento cultural do Brasil. Além disso, como se vê, os recursos naturais do Brasil são ainda mais impressionante agora do que eram há um século. Durante grande parte do século XX, brasileiros lutaram com uma profunda ambivalência sobre seu futuro. Em tempos otimistas, quando olharam para os seus recursos e tamanho, eles se perguntaram: como eles poderiam não ter sucesso e se tornar uma potência mundial? Em seus momentos de pessimismo, especialmente quando grandes desigualdades sociais, violência e corrupção subiram ao plano principal, eles se desanimaram pois o Brasil foi condenado a ser sempre o "país do futuro". Brasileiros, já que muitas vezes eles, podem ser obcecados com a "fracassomania".

As elites brasileiras iniciaram o século XX muito inseguras de si mesmos e do seu lugar no mundo. Elas começam o século XXI com uma auto confiança crescente de que o Brasil está se tornando agora não apenas uma potencia regional, mas também uma potência mundial. Durante grande parte do século XX, as inseguranças do Brasil foram embasados no subdesenvolvimento econômico e um complexo de inferioridade cultural profundamente enraizada na sua história da mistura racial e cultural. A ascensão

e o poder da visão freyriana da identidade brasileira, e a crescente riqueza, a complexidade e a influência da cultura brasileira (música, futebol e capoeira, para citar alguns exemplos) tem partitamente enterrado o complexo de inferioridade cultural. O crescimento econômico do Brasil nos últimos 75 anos - e especialmente as tendências econômicas da última década - têm reforçado o sentimento de que o Brasil finalmente chegou. Não é mais o "país do futuro". É o país do presente.

Referências bibliográficas

Obs - Existe uma vasta bibliografia sobre a maioria dos temas abordados neste artigo. As referencias que se seguem propõem ser ilustrativas e não exaustivas. As fontes estão predispostas segundo, prioritariamente, a língua inglesa.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ARRUDA, José Jobson de. *Uma colônia entre dois impérios: a abertura dos portos brasileiros, 1800-1808*. Baurú-SP: EDUSC, 2008.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz Bandeira, *Conflito e integração na América do Sul - Brasil, Argentina e Estados Unidos: da Tríplice Aliança ao Mercosul, 1870-2003*, 2a. ed. rev. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2003.

BARMAN, Roderick J. *Brazil: The Forging of a Nation, 1798-1852*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1988.

BETHELL, Leslie. *The Abolition of the Brazilian Slave Trade: Britain, Brazil and the slave trade question, 1807-1869*. London: Cambridge University Press, 1970.

___ (ed.). *Colonial Brazil*. New York: Cambridge University Press, 1987.

BOXER, Charles R. *The Golden Age of Brazil, 1695-1750: growing pains of a Colonial Society*. Berkeley: University of California Press, 1962.

BURNS, Edward Bradford. *The Unwritten Alliance: Rio-Branco and Brazilian-American Relations*. New York: Columbia University Press, 1966.

CARVALHO, José Murilo de Carvalho. *Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: IUPERJ; São Paulo: Vértice, 1988.

- _____. *Forças armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- DÀVILA, Jerry. *Hotel Trópico: Brazil and the Challenge of Africa Decolonization, 1950-1980*. Durham, NC: Duke University Press, 2010.
- DIACON, Todd A. *Stringing Together a Nation: Cândido Mariano da Silva Rondon and the Construction of a Modern Brazil, 1906-1930*. Durham, NC: Duke University Press, 2004.
- FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*, trad. Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2004.
- FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1977.
- _____, *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, 49ª. ed. São Paulo: Global Editora, 2003.
- GRAHAM, Richard, *Britain and the Onset of Modernization in Brazil, 1850-1914*. London: Cambridge University Press, 1968.
- HAINES, Gerald K. Haines. *The Americanization of Brazil: A Study of U.S. Cold War Diplomacy in the Third World, 1945-1954*. Wilmington, DE: SR Books, 1989.
- HILTON, Stanley E. *Brazil and the Great Powers, 1930-1939: The Politics of Trade Rivalry*. Austin: University of Texas Press, 1975.
- KRAAY, Hendrik and WHIGHAM, Thomas L. (eds.) *I Die with My Country: Perspectives on the Paraguayan War, 1864-1870*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2004.
- LARRETA, Enrique Rodríguez e GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre - uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro 1900-1936*, trad. Josely Vianna Baptista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- LEAL, Victor Nunes Leal. *Coronelismo: The Municipality and Representative Government in Brazil*, trans. June Henfrey. New York: Cambridge University Press, 1977.

MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). *A Guerra do Paraguai: 130 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

MAXWELL, Kenneth Maxwell, *Pombal, Paradox of the Enlightenment*. New York: Cambridge University Press, 1995.

McCANN, Frank D. *Soldiers of the Pátria: A History of the Brazilian Army, 1889-1937*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2004.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAN, Emilio (ed.). *The Dilemma of Amazonian Development*. Boulder, CO: Westview Press, 1983.

NEEDELL, Jeffrey. *A Tropical Belle Epoque: Elite Culture and Society in turn-of-the-century Rio de Janeiro*. New York: Cambridge University Press, 1987.

OLIVEIRA, João Pacheco de. (org). *Projeto Calha Norte: militares, índios e fronteiras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1990.

RODRIGUES, José Honório. *Conciliação e reforma no Brasil: um desafio histórico-cultural*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

SECKINGER, Ron. *The Brazilian Monarchy and the South American Republics, 1822-1831: Diplomacy and State Building*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1984.

SCHMINK, Marianne and WOOD, Charles H. *Contested Frontiers in Amazonia*. New York: Columbia University Press, 1992.

SCHULZ, Kirsten. *Tropical Versailles: Empire, Monarchy, and the Portuguese Royal Court in Rio de Janeiro, 1808-1821*. New York: Routledge, 2001.

SCHWARC, Lilia Moritz Schwarcz. *The Spectacle of the Races: Scientists, Institutions, and the Race Question in Brazil, 1870-1930*, translated by Leland Guyer. New York: Hill and Wang, 1999.

_____. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVEIRA, Joel e MITKE, Thassilo. *A luta dos pracinhas: a Força Expedicionária Brasileira-FEB na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.

SKIDMORE, Thomas E. *Black into White: Race and Nationality in Brazilian Thought*. New York: Oxford University Press, 1974.

_____. *The Politics of Military Rule in Brazil, 1964-85*. New York: Oxford University Press, 1988.

SMALLMAN, Shawn C. *Fear and Memory in the Brazilian Army and Society, 1889-1954*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2002.

TOPIK, Steven. *The Political Economy of the Brazilian State, 1889-1930*. Austin: University of Texas Press, 1987.

WHIGHAM, Thomas L. *The Paraguayan War*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2002.

WIRTH, John D. *The Politics of Brazilian Development, 1930-54*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1970.

WOOD, Charles H. and CARVALHO, José Alberto Magno de. *The Demography of Inequality in Brazil*. New York: Cambridge University Press, 1988.